

# Ela



*Ela* – Juan Manuel Roca Benedek

**Biografia do autor:** Aluno de Literaturas com 21 anos e poucas certezas nas costas.

**Resumo do texto:** Ode a um sentimento de impotência tão bela quanto profunda. A pior forma de submissão vem sem aviso, sem rosto, sem nome e sem explicação.

Talvez tenha sido numa terça de manhã que a vi pela primeira vez. Ou então num fim de tarde de domingo. Sei que saí da cama por um copo d'água e lá estava ela: nua, de pé num canto mal iluminado da sala; quieta, sempre quieta. Com o corpo tenso, em meio-grito, perguntei-lhe quem era, como entrara, o que queria; disse-lhe que saísse. Ela permaneceu calada, movendo a cabeça apenas o suficiente para me olhar diretamente. Calei-me e a encarei por um instante que poderia ter sido eterno, se meu desconcerto não me tivesse feito voltar o olhar. Seu rosto parecia variar de expressão a cada segundo, ainda que não movesse um único músculo.

Alcançando o telefone, quis disar por ajuda. Meus dedos acompanharam o movimento de minha mente, mas não fizeram mais que acariciar os devidos botões; senti a possibilidade da chamada como uma ânsia distante, sem conseguir me prestar a realizar a ação. Talvez eu ali já soubesse que nela não havia realmente perigo, não havia emergência a relatar.

Olhei-a de novo em seu canto. Não se movera um centímetro. Aproximei-me mais um pouco, e o medo que sentira ia se dissipando a cada passo. Seu olhar não desgrudou por um segundo da minha figura, tampouco suas feições encontraram posição fixa em sua imóvel dança de emoções. Cheguei tão próximo quanto consegui, tentando, talvez em vão, compreendê-la.

14

Não sei bem até hoje descrever o que vi, mas acho que era linda. Acho que era mulher, apesar de ser possível que não fosse nada. Ela era, e ela estava, estava ali comigo como comecei a pensar que talvez jamais alguém estivera. Ela me olhava, e eu a admirava, e através dessa conexão nos mantivemos. Fiz menção de tocá-la, senti-la, conhecê-la, mas no momento em que gerei o pensamento ele se tornou memória, e nunca ação. Foi então que soube que ela me dominava.

Quis falar-lhe de novo, mas ela havia me tirado a capacidade; e, mesmo que ainda a tivesse, eu sabia que ela não me responderia. Contentei-me, então, em me maravilhar mais e mais com sua figura, em meu silêncio de oração. Em certo momento, sem aviso ou gesto prévio, ela deu um passo à frente, e tudo que eu soube fazer foi abrir-lhe caminho. Ela continuou andando. Olhei seu corpo nu em movimento e quis desnudar-me também, ainda que soubesse, naquele instante, o quão imperfeita era minha carne. Ela andava com perfeição e leveza de nuvem; e eu, consciente do peso de meu corpo, de meus passos, de meus pensamentos dignos e indignos, de minha insensatez humana, segui-a até meu quarto.

Não sei por que me levou ali e imagino que nunca vá saber. Afinal, entendi enquanto caminhava que minha ingenuidade era demais, minha fraqueza demais, minha feiura demais para compreender as atitudes dela. No instante em que comecei a pensar se não eram assim para compreender qualquer tipo de atitude, ela parou de caminhar e se posicionou, de pé, ao lado de minha cama. Inundou-me uma noção de que precisava me deitar e tive certeza de que vinha dela, pois compreendi que não teria conseguido alcançar aquela conclusão só.

Uma vez na cama, voltei a admirá-la. Não era, afinal, como se houvesse outra opção: ela havia passado a ocupar o quarto por inteiro. Ela ocupava cada canto e, com isso, ela me ocupava. Não sei ao certo quanto tempo se passou até eu perceber que ela estava em cima de mim. Sentada em meu peito, ela não era mais nuvem, mas o peso do mundo me alcançando em questão de segundos. Tentei questioná-la, expressar minha angústia, pedir-lhe que se fosse, mas, frente àquela súbita pressão, não foi possível puxar suficiente ar para falar. Talvez eu ainda respirasse, fracamente, embora ouse pensar que era apenas seu corpo gélido me dando o sopro. Ali e então ela era meu sustento, minha vida. Ela era tudo; eu, nada; e junto ao sufoco da constatação da minha pequenez me voltou a indagação de que algum dia eu fora mais que nada. E, a partir disso, minha única certeza era que sempre fui, e sempre seria, menos que ela. Foi a primeira vez em que chorei na presença dela.

Notei o passar do tempo quando começaram as ligações. Ela atendia cada uma e me permitia falar por aqueles segundos, e, a pedido dela, eu respondia às vozes preocupadas que era ela, que não me movia por ela, não saía por ela, não podia conversar por ela. Não me compreendiam. Aos toques de campainha que procederam, ela não me deixava responder e, assim, esses vinham sempre acompanhados de mais ligações, cada vez mais preocupadas. Até o dia em que cessaram. Voltamos, então, a ser só nós, eu e ela. Nesse período, não sei se comi, se bebi, se me aliviei; sei que chorei, e com isso e com ela eu me nutria, e vivia.

15

Certo dia ela se levantou, e pude então sentir a força do ar entrando em meus pulmões como um orgasmo. Em puro êxtase, senti que me tomava por completo o prazer da liberdade, o grande presente que ela me dera. A partir daquele momento, eu era capaz, porque ela me fizera capaz. Olhei-a, parada novamente ao lado da cama, e soube apenas agradecer e agradecer enquanto me levantava e movia meus músculos hibernados. Dei o primeiro passo para longe da cama e vi que ela me seguia. Caminhei, e a cada movimento ela permanecia próxima, sem me permitir grande distância, como se em mãos tivesse minha coleira. Como se em mãos tivesse a mim. E assim entendi o que éramos.

Uma vez que pudemos sair de casa, não demorou para descobrirmos que ninguém mais a via. Gritaram-nos que era loucura, chamaram-na imaginação. Recomendaram-nos ajuda, considerando-a um problema. Alguns poucos tentaram compreender-nos, mas como eu não sabia descrevê-la, logo passaram a ignorá-la. A isso tudo ela nunca reagiu, tornando-me grande o suficiente para saber fazer o mesmo.

Hoje não a vejo mais todo dia, e, quando não aparece, acomete-me a saudade. Sinto sempre sua presença, mas a enxergo mais em reflexos, um constante passo atrás de mim (excluídas as vezes em que olhei rápido e não pude ver senão ela na imagem).

Talvez seja ela escrevendo agora, enquanto choro escondido no escuro. É quando geralmente ainda aparece, tomando-me novamente para me lembrar que ela é tudo, tudo. Ela é, e ela está, está aqui comigo. Ela me olha, e eu a admiro e me maravilho mais e mais e mais.

16

